

Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna

Leilane Ramos da Silva



**São Cristóvão/SE
2009**

Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna

Elaboração de Conteúdo

Leilane Ramos da Silva

Projeto Gráfico e Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Nycolas Menezes Melo

Revisão

Raquel Meister Ko Freitag

Copyright © 2009, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Silva, Leilane Ramos da
S586l Linguística aplicada ao ensino de língua materna /
Leilane Ramos da Silva -- São Cristóvão: Universidade
Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

1. Linguística. 2. Língua - História 3. Pedagogia I. Título.

CDU 81'1:81'0

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete

Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS**Diretor do CESAD**

Antônio Ponciano Bezerra

Secretário de Educação a Distância

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS**Vice-diretor do CESAD**

Fábio Alves dos Santos

Reitor

Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor

Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias (Diretora)

Hérica dos Santos Mota

Iara Macedo Reis

Daniela Souza Santos

Janaina de Oliveira Freitas

Núcleo de Avaliação

Guilhermina Ramos (Coordenadora)

Carlos Alberto Vasconcelos

Elizabete Santos

Marialves Silva de Souza

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)

Sylvia Helena de Almeida Soares

Valter Siqueira Alves

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais

Giselda Barros

Núcleo de Tecnologia da Informação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo

Marcel da Conceição Souza

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Portugues)

Eduardo Farias (Administração)

Haroldo Dorea (Química)

Hassan Sherafat (Matemática)

Hélio Mario Araújo (Geografia)

Lourival Santana (História)

Marcelo Macedo (Física)

Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)

Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)

Janaina Couvo T. M. de Aguiar (Administração)

Priscilla da Silva Góes (História)

Rafael de Jesus Santana (Química)

Ronilse Pereira de Aquino Torres (Geografia)

Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)

Vanessa Santos Góes (Letras Portugues)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)

Edvar Freire Caetano

Isabela Pinheiro Ewerton

Lucas Barros Oliveira

Neverton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"

Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze

CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE

Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

AULA 1

Linguística Aplicada: natureza, origens, evolução.....07

AULA 2

A Linguística Aplicada e os desafios para uma pedagogia crítica.....19

AULA 3

A Linguística Aplicada e os princípios norteadores do ensino de língua materna no Brasil.....31

AULA 4

O ensino de língua portuguesa nas escolas de Educação Básica hoje: o que é preciso mudar?.....53

AULA 5

Concepções de linguagem e ensino de gramática: metodologias de ensino.....67

AULA 6

O ensino da norma culta na escola: mitos e preconceitos linguísticos...83

AULA 7

O tratamento da variação linguística na escola: o que é preciso saber, o que é preciso mudar?.....101

AULA 8

Leitura: diferentes conceitos, abordagens e posturas em sala de aula..113

AULA 9

Os (des)caminhos da produção textual escrita na escola: diálogos constantes.....135

AULA 10

Gêneros textuais e ensino: diálogos possíveis.....157

LINGÜÍSTICA APLICADA:

NATUREZA, ORIGENS, EVOLUÇÃO

META

Apresentar a natureza, origem e evolução da Lingüística Aplicada no rol das ciências da linguagem, destacando sua importância para o profissional da área de Letras.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- definir o campo de estudos da Lingüística Aplicada;
- identificar os principais momentos históricos relativos à origem e à evolução dos estudos em Lingüística Aplicada no Brasil;
- reconhecer a importância da formação em Lingüística Aplicada para o profissional da área de Letras.

PRÉ-REQUISITO:

Para iniciar bem este curso, é importante que você tenha aproveitado da melhor maneira a disciplina Lingüística, trabalhada no semestre anterior. Por que isso? Porque continuaremos a trabalhar muitos dos seus fundamentos na disciplina que ora iniciamos.



(Fonte: <http://www.casadellibro.com>).

INTRODUÇÃO

Para início de conversa, cabe uma pergunta bem prática: o que é Lingüística Aplicada? A que será que se destina esta disciplina? E aí? Você é capaz de deduzir? Dá para imaginar que, ao menos, já começou a pensar alguma coisa do tipo “Ora, em lugar de ter afirmações, eu tenho perguntas!?” ou “Pela lógica, só pode ser algo que aplique assunto de lingüística”, não é mesmo!? Pois é, de certa forma, você tem razão. Mas, além disso, pensemos em outra pergunta: qual o papel da disciplina para a formação do profissional da área de Letras? Que tal começarmos a pensar e a falar sobre isso agora!? Como tudo na vida obedece a uma ordem, iniciaremos estas nossas aulas focalizando a origem, a natureza e a evolução dos estudos caracterizados com o rótulo da “Lingüística Aplicada” e, claro, daremos seqüência ao longo das aulas vindouras. Pois bem, vamos lá.



DO ONTEM AO HOJE: O CAMPO DE ATUAÇÃO DA LINGÜÍSTICA APLICADA



(Fonte: 1. <http://www.insular.com.br>; 2. <http://www.comprar-livro.com.br>; 3. <http://www.iel.unicamp.br>; 4 <http://www.jullianaveloso.com.br>).

Segundo afirma Trask (2004), a Linguística Aplicada (doravante LA) consiste na aplicação de conceitos e métodos lingüísticos a algum problema prático que envolva a linguagem. Assinala o autor, ainda, que, na maioria das vezes, o termo é encontrado em contextos que referendam o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, mas a lingüística tem endossado a utilidade que o termo tem num conjunto de domínios os mais diversos ³/₄ lexicografia, ensino de leitura, diagnóstico e tratamento de distúrbios lingüísticos ³/₄ relacionados à língua materna.

O termo *Linguística Aplicada* surgiu em 1940 e, já em 1946, como apontam Bohn e Vandresen (1988), figurava como nome de disciplina na Universidade de Michigan. Em 1948, foi a vez da fundação e publicação do primeiro número do *Journal of language learning: a journal of Applied Linguistic*.

Outros dois marcos importantes na consolidação dos estudos em LA foram a criação da Escola de Linguística Aplicada na Universidade de Edimburgo, em 1956, e a do Centro de Linguística Aplicada nos Estados Unidos, em 1969. Essa época costuma ser reconhecida como a da “aplicação de saberes”. Isso porque a LA refletia algumas idéias (de natureza estruturalista ou funcionalista) de lingüistas que poderiam ser aplicadas ao ensino de uma segunda língua ou mesmo da língua materna.

Nesse sentido, a influência dos estudos estruturalistas, notadamente o privilégio do sincrônico sobre o diacrônico¹, a ênfase nas relações internas sobre as externas e o realce da dicotomia “indivíduo vs sociedade” afetaram esse momento histórico da LA. Aliás, a predominância desse modo dicotômico de se pensar a linguagem e /ou a aquisição de línguas gera a dissociação dos estudos lingüísticos aplicados das questões históricas, sociais, culturais. Em outras palavras, essa perspectiva da LA subjugava a concepção de que a língua é um sistema de significação de idéias que tem um importante papel na definição do modo como o homem concebe a si mesmo e o mundo que o cerca.

Na década de 1960, esse panorama começa a mudar. Em 1963, foi fundada a Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), em 1964, a Associação Britânica de Linguística e, em 1967, o TESOL Quartely. Em terras brasileiras, foi criado, em 1966, o Centro de Linguística Aplicada Yázigi, em São Paulo.

Embora esse período ainda se caracterize pela aplicação dos “insights” dos lingüistas ao ensino de línguas, pode-se dizer que a LA passou a se preocupar com as formas de avaliação, as políticas educacionais e com um campo de aquisição de uma segunda língua, com o foco voltado mais para a aprendizagem do que para o ensino.

Em 1970, o marco inaugural (oficial) da LA no Brasil foi a implantação do primeiro Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística Aplicada, até hoje reconhecido como centro de excelência na área (ver seção “É importante saber que ...” ao final da aula).

Para Rojo (1999), A LA esteve, nesse período, ainda muito dependente da Linguística Teórica. Representava, assim, uma aplicação de teorias ao contexto de uso, ao ensino-aprendizagem de línguas (estrangeira e/ou materna).

Ainda segundo a autora, o lingüista aplicado mostrava-se impassível às suas crenças nos princípios decorrentes do positivismo e do estruturalismo. O que acarreta, entre outras:

- a) uma perspectiva de linguagem *a-política* e *a-histórica*;
- b) uma ênfase na noção de objetividade, decorrente da separação entre sujeito e objeto; c) a concepção de que a experiência é anterior à linguagem;
- d) o desenvolvimento de modelos e métodos eminentemente científicos;
- e) a crença na idéia de que o conhecimento é gradual e cumulativo;
- f) a aplicação universal do princípio da verdade e da racionalidade.

A década de 1980 é cenário para o alvorecer de uma LA com definições cuja ênfase recaía não só sobre a diversidade de assuntos tratados,

mas também sobre os domínios disciplinares usados para trabalhar questões lingüísticas. O foco de análise do lingüista aplicado, então, extrapolou os limites entre ensino-aprendizagem de línguas, à medida que voltou seu olhar para questões de ordem política e de planejamento educacional, para o uso da linguagem em contextos os mais diversos (profissional, por exemplo), para os processos de tradução, para a lexicografia, para a relação “linguagem e tecnologia”, dentre outras.

Segundo Kleiman (1998), no Brasil, muitos foram os trabalhos, dentre teses e artigos científicos, que focalizaram o processo de produção de linguagem, seja observando os textos dos alunos, seja analisando a linguagem veiculada nos livros didáticos.

Assim, nesse contexto, a LA passa a dialogar com outros saberes. A Psicologia (em particular, a Cognitiva), a Sociologia, a Antropologia, a Etnografia e a Estilística, por exemplo, passaram a oferecer bases de estudos antes procurados tão somente na Lingüística. Para Celani (1998), a LA passa a ser encarada como articuladora dos variados domínios do conhecimento, em função do casamento dos seus princípios com aqueles advindos desses outros campos científicos que abordam a linguagem.

Na verdade, a percepção da LA depois da segunda metade dos anos de 1980 é visivelmente mais ampla, superando a antiga idéia de que a área se definia como pura aplicação de teoria lingüística à prática do ensino de línguas. Se antes, para cada nova classificação de palavras proposta nos meios acadêmicos, era criada uma forma de inserção em salas de aula, agora a situação passava a se caracterizar de forma bem diferenciada. Nessa época, como vimos acima, passa-se a contar com o apoio de saberes disciplinares de outros campos, assim, dada a identificação do assunto/problema, eram indicadas as ciências auxiliares apropriadas para o encaminhamento de suas prováveis soluções.

Esse universo de conciliação dos saberes trouxe à tona, nos anos de 1990, a multiplicidade de enfoques, de temas e metodologias, desabrochando uma discussão sobre a identidade da LA, sobre a representatividade dessa área frente aos estudos da linguagem.

Quantas informações históricas, não é mesmo!? Bom, mas você já deve estar atentando para o fato de que os lingüistas aplicados despertaram para a necessidade de olhar a linguagem enquanto processo, posto que esta implica convenções e práticas determinadas por relações de poder e por processos ideológicos que moldam a sociedade e vice-versa. (cf. FAIRCLOUGH, 1992).

Diante desse momento histórico, Moita Lopes (1996) afirma que a LA configurou-se como uma perspectiva mediadora, pautada na solução de problemas do uso da linguagem pelos participantes do discurso no contexto social. Os estudos em LA, além de operarem com conhecimentos de outras ciências, formularam seus modelos teóricos e passaram a focalizar a linguagem no âmbito dos procedimentos de interpretação e produção lingüística que determinavam a interação oral e escrita.

De modo geral, os autores têm mostrado que, nos últimos anos da década de 1990, a LA passou a priorizar questões como:

- a) a noção de conscientização linguística;
- b) o “modo” de aprendizagem de línguas;
- c) a aprendizagem via interações dialógicas;
- d) os padrões de interação professor-aluno;
- e) a aprendizagem centrada no contexto e o professor como pesquisador.

Como bom entendedor que é, você já deve ter inferido que a LA passou a discutir questões mais práticas, mais voltadas ao dia-a-dia do ensino-aprendizagem de línguas, sejam elas maternas ou estrangeiras. Assim, a LA passou a oferecer bases sobre as quais se alicerçam muitos dos estudos desenvolvidos sobre as habilidades de leitura, escrita, análise linguística e outras, despertando discussões importantes nos meios acadêmicos e, igualmente, apontando possíveis saídas para o desenvolvimento de tais habilidades no universo da sala de aula. Sem falar, claro, no fato de ter contribuído sensivelmente para o desabrochar de documentos governamentais que reforçam como os estudos linguísticos em ebulição podem contribuir (e contribuem!) para a melhoria do ensino de línguas no Brasil. Nas próximas aulas desta disciplina, alguns desses documentos serão abordados.

Hoje, com o avanço das pesquisas em LA, reconhece-se a necessidade de renovação dos métodos de ensino de língua que se sacralizaram ao longo dos anos. De modo geral, pesquisas em LA destacam que o profissional de Letras não pode perder de vista:

- a) a discussão e o aprofundamento de questões relativas aos fundamentos teórico-metodológicos do processo de ensino e de aprendizagem da língua (materna ou estrangeira);
- b) o repensar do processo e do ensino da língua (materna e estrangeira) a partir das contribuições de estudos linguísticos e de campos auxiliares;
- c) o conhecimento de diferentes concepções de alfabetização e métodos que orientem sua prática pedagógica;
- d) a compreensão do ensino de língua (materna e estrangeira) em dois eixos: fala/escuta e leitura/escritura, percorridos pela reflexão sobre a língua (análise linguística), para uma prática de ensino articulada (atitudes, atividades, conteúdos, procedimentos);
- e) a discussão da problemática do ensino da língua materna e da alfabetização, buscando alternativas que possibilitem a formação de sujeitos leitores/produtores nos espaços pedagógicos e fora deles.

Cagliari (1989), ao tratar do ensino de língua, ressalta questões ligadas às diversas teorias linguísticas que precisam integrar o repertório de conhecimento do professor, a fim de que este possa contribuir para a melhoria ou mudança da face do ensino.

Entre essas questões, estão:

- a distinção entre os aspectos fonéticos e os fonológicos. Como sabemos, a Fonética se preocupa com os sons da fala (nas mais variadas situações);

já a Fonologia preocupa-se com os sons da língua, os fonemas (enquanto traços distintivos);

- a consideração do nível sintático-semântico, ou seja, aquele que reporta ao fato de uma unidade de expressão associar-se a uma unidade de conteúdo;

- no nível textual, devem ser analisados todos os constituintes da mensagem (sua articulação, seus significados) e não apenas aspectos semântico-literários;

- o conhecimento das variedades dialetais que seus alunos apresentam, sejam elas históricas, geográficas, sociais e/ou estilísticas, pois o profissional de Letras precisa saber lidar com as variações. Isso porque, ao conduzir seus alunos ao conhecimento da variação linguística, o professor contribuirá para que eles compreendam seus mundos e os alheios e se dêem conta de que a cultura (e/ou sabedoria) não é privilégio de quem usa a norma culta.

Enfim, a LA tem insistido na idéia de que é preciso selecionar com cuidado os conteúdos lingüísticos a serem trabalhados na prática de sala de aula. Defende-se, sobremaneira, uma comunhão equilibrada entre as modalidades oral e escrita da língua. Melhor dizendo, enfatiza-se a importância de se considerar oralidade e letramento como práticas sociais, de se promover um estudo crítico sobre a linguagem.

Puxa, muita coisa dita ao mesmo tempo, sim? Sem muitas preocupações, ao longo deste curso, você terá oportunidade de vivenciar como a LA tem abordado cada um desses assuntos acima comentados. Por ora, basta ter um conhecimento em relação ao seu processo de evolução histórica, dado o destaque aos fatos que contribuíram para que essa área do conhecimento ganhasse seu lugar ao sol.

CONCLUSÃO

Que mais a dizer? Como você pôde notar, é fácil concluir que, tendo passado por momentos históricos decisivos para a sua consolidação enquanto área de estudos em linguagem, a LA, embora não se limite a uma mera aplicação de teoria lingüística a algum problema da sala de aula de língua, tem mostrado sua importância para a atuação pedagógica do profissional da área de Letras, à medida que desperta questionamentos os mais diversos sobre a natureza desse ensino, sobre a forma de condução desse trabalho no espaço escolar. Além disso, é de preocupação da LA todo e qualquer problema prático que envolva o universo complexo da linguagem enquanto prática social. Para finalizar, registremos as palavras de Almeida Filho (2007, p.16): “a Aplicação de teoria lingüística passou a ser uma modalidade de pesquisa em lingüística aplicada, mas nem de longe a mais viçosa de suas tendências. Agora, a LA é a área de estudos voltados para a pesquisa sobre questões de linguagem colocadas na prática social”.

RESUMO



Nesta aula, apresentamos, de forma sucinta, a história e evolução dos estudos em Lingüística Aplicada, a partir de uma amostragem que vai desde o aparecimento do termo no rol das ciências que tomam a linguagem como foco de análise, em 1940, até os questionamentos que ora são despertados por esse campo disciplinar nos dias atuais, sobretudo aqueles que estão ligados diretamente ao ensino de línguas (materna ou estrangeira). Dessa forma: a) delineamos tal campo a partir da história dos primeiros trabalhos rotulados de lingüistas aplicados, enquanto sinônimos de aplicações de teoria lingüística a algum conteúdo exposto nas salas de aula de língua, passando pelas significativas mudanças de pensamento desencadeadas no alvorecer dos anos de 1980, com a recorrência aos princípios advindos de ciências auxiliares; b) em seguida, observamos como a mudança de pensamento instaurada a partir da década de 1980 ocasionou uma multiplicidade de estudos sobre o papel da LA junto ao ensino de línguas, assim como essa mudança fez aparecer novos modos de olhar o trabalho com a linguagem nos anos de 1990, marcado, principalmente, pelo alvorecer de estudos centrados, entre outros, nos “modos” de aprendizagem de línguas e nas formas de interação professor-alunos; c) afora essas questões, vimos também questões que corriqueiramente são tratadas com grande deferência pela LA, como essenciais ao trabalho do professor da área de Letras. Ou seja, questões que motivaram e, ao mesmo tempo, integram o corpo de documentos governamentais que institucionalizam o ensino de língua no Brasil, por exemplo; d) por fim, destacamos, com base nas necessidades latentes ao profissional de letras para o trabalho pedagógico a ser desenvolvido junto ao ensino de línguas, como os princípios advindos da LA são importantes para o desencadear de um ensino crítico, voltado à melhoria das capacidades de produção e recepção de conteúdo pelo aluno.

ATIVIDADES



1. Com base no que vimos, considerando-se desde a sua origem, quais as principais mudanças de percepção/atuação ligadas à evolução do campo de estudos da LA?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

É claro que você pode responder a essa questão enumerando cada uma das fases vividas pela LA ao longo de seu processo de evolução, destacando desde o momento em que o termo fora aplicado pela primeira vez, nos idos anos de 1940, até os dias de hoje, com o destaque a questões que antes não eram vinculadas a esse campo de atuação. Porém, é de se esperar que conduza sua resposta a uma discussão mais epistemológica, apontando, de fato, momentos decisivos para essa consolidação da LA como área dos estudos em linguagem, a exemplo da comparação entre as formas de pensar das décadas de 1980 e 1990 com os trabalhos desenvolvidos antes desses períodos e, igualmente, com os que hoje têm merecido destaque. Ou melhor, em que medida esses modos de pensar contribuíram para os estudos que hoje são desenvolvidos sob o rótulo de LA.

2. Que questões importantes podem ser citadas como forma de justificar a importância da LA para o profissional da área de Letras nos dias de hoje?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Você pode citar aqui muitas questões como importantes para o reconhecimento das preocupações da LA com formação profissional em Letras, desde que esclareça até que ponto tais questões, de fato, devem compor o repertório de conhecimento e/ou atuação do professor em sala de aula. Um bom exemplo seria mostrar os conhecimentos propriamente lingüísticos (fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, textuais...) e os possíveis cuidados que o profissional em Letras deve ter quando de sua seleção e aplicação junto aos alunos.

É IMPORTANTE SABER QUE...

O Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP, tendo sido criado em 1970, foi o primeiro Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística Aplicada fundado no Brasil. Em 31/03/1971, foi reconhecido como centro de excelência, credenciado pelo Conselho Federal de Educação em 23/09/1973 e recredenciado em 20/08/1978.

Em 1980, criava-se o Programa de Doutorado na área, tendo seu credenciamento acontecido em 05/05/1983, simultaneamente ao credenciamento do Mestrado. Tais cursos foram reconhecidos em 1989. A partir de 1997, o Programa foi renomeado, passando a chamar-se **Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**.

Nos dias de hoje, além de formar mestres e doutores no campo da Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, o Programa tem supervisionado trabalhos em nível de pós-doutorado. Suas linhas de pesquisa estão assim distribuídas: Linguagem e Educação; Linguagem e Trabalho; Linguagem, Educação e Tecnologia; Linguagem e Patologias de Linguagem.

Informações extraídas, no dia 24/01/2008, do endereço eletrônico: <http://www.pucsp.br/pos/lael>

LINGÜÍSTICA

Como você já deve ter estudado em Linguística, os termos *sincronia* e a *diacronia* foram cunhados por Ferdinand de Saussure, pai da Linguística Moderna, e remetem à forma por meio da qual os estudiosos podem lançar mão (ou não), ao fazer uma abordagem (descrição) lingüística. Os estudos rotulados de *sincrônicos* analisam os fatos lingüísticos num dado momento de desenvolvimento histórico e aqueles que são tidos como *diacrônicos* descrevem os fenômenos lingüísticos a partir das relações que estes mantêm com outros fenômenos, que o precedem ou o sucedem, na linha do tempo. Por considerar incompatível a noção de sistema e de evolução, Saussure excluiu a *diacronia* do domínio da Linguística, situando-a numa condição periférica, ao lado da fala. Justifica-se, então, a predominância dos estudos sincrônicos sobre os diacrônicos nos primeiros trabalhos desenvolvidos sob a rubrica da LA.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, discutiremos, de forma mais específica, que desafios a Linguística Aplicada vem destacando para o profissional de Letras poder desenvolver um ensino de língua caracterizado como crítico.



AUTO-AVALIAÇÃO

Agora que foi oficialmente apresentado ao campo de estudos da Linguística Aplicada, você é capaz de especular sobre as problemáticas futuramente desenvolvidas no curso de nossas aulas, não é mesmo? Pense e tente responder a si mesmo até que a nossa próxima aula comece a destacar melhor cada um dos tópicos imaginados. Só mais uma sugestão: que tal imaginar que você terá que repassar, como se fosse um seminário acadêmico a um colega, o que representa esse maravilhoso universo de estudos da linguagem?! Tente ousar. Boa sorte!



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de Almeida. **Linguística Aplicada – ensino de línguas e comunicação**. 2 ed. Campinas-SP: Pontes, 2007.
- BOHN, Hilário; VANDRESEN, Paulino. **Tópicos de linguística aplicada**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. **Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil**. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. pp.129-142.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical language awareness**. London Longman, 1992.
- KLEIMAN, Angela. **O estatuto disciplinar da linguística aplicada: o traçado de um percurso. Um rumo para o debate**. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.15-23.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.
- ROJO, Roxane. **Perspectivas para os estudos sobre a linguagem na virada do milênio: o caso da linguística aplicada**. V Seminário de Teses em Andamento. IEL/UNICAMP, 1999.
- TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução de Rodolfo Ilari e revisão técnica de Ingedore Villaça Koch e Thaís Cristófaró Silva. São Paulo: Contexto, 2004.